



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de posse da nova diretoria da Confederação Nacional da
Indústria**

**Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 – Brasília-DF, 17 de novembro
de 2010**

Meu caro amigo presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer, e
Vice-Presidente da República eleito nas últimas eleições,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Luiz Antonio Elias, ministro interino da Ciência e
Tecnologia,

Companheiro Alexandre Padilha, ministro da Secretaria de Relações
Institucionais,

Senadores Aloizio Mercadante, Eduardo Azeredo, Garibaldi Alves, Gim
Argello, Gerson Praia, Renan Calheiros, Roberto Cavalcante e Romero Jucá,

Deputados federais e deputadas Ana Arraes, Emília Fernandes, Jô
Moraes, Perpétua Almeida, Sandra Rosado e Vanessa Grazziotin, Armando
Monteiro Neto, presidente da CNI, Albano Franco, Arnon Bezerra, Bruno
Araújo, Fábio Ramalho, Henrique Eduardo Alves, José Chaves, Luiz Carreira,
Marcondes Gadelha, Miguel de Souza, Paulo Delgado, Paulo Maluf, Sandro
Mabel, Sebastião Bala, Ricardo Barros, Rocha Lores e Walter Ihoshi,

Companheiros governadores Antônio Anastásia, de Minas Gerais, e
Alcides Rodrigues, de Goiás,

Agnello Queiroz, governador eleito de Brasília,

Meu caro amigo Robson Braga, eleito presidente da CNI e empossado,

Meus caros amigos empresários,

Secretários,



Jornalistas,
Amigos e amigas,

Ao longo dos últimos oito anos, foram muitas as ocasiões em que me encontrei com a Confederação Nacional da Indústria. Em reuniões no Palácio do Planalto ou em eventos como esse, mantivemos um intenso e profundo diálogo.

Estou falando de uma relação que me permitiu conhecer melhor as reivindicações e as propostas do setor e que me deu a honra de receber, no aniversário de 71 anos da CNI, no ano passado, o Grande Colar da Ordem do Mérito Industrial.

Os laços que temos mantido significam, na realidade, uma convergência de ideais assentados no desenvolvimento da produção, fortalecimento de nosso parque industrial e a geração de empregos para milhões de brasileiros e brasileiras.

Construímos juntos uma agenda que, em um intervalo de tempo relativamente curto, ajudou a transformar nossa sociedade. E que, sobretudo, alargou os horizontes do povo brasileiro, fortaleceu sua autoestima e multiplicou suas oportunidades.

Não tenho dúvidas de que o meu querido amigo Armando Monteiro Neto desempenhou um papel fundamental em tudo isso. E estou certo de que, mesmo após deixar a presidência da CNI, ele continuará sendo um grande defensor da indústria brasileira e um dos principais formuladores de políticas para a produção no Senado Federal.

Também estou convencido de que o novo presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, tem a fibra, a experiência e todos os demais atributos necessários para tornar a entidade ainda mais atuante e propositiva. E saberá conduzir com maestria a representação política do setor industrial durante o seu mandato.



Quero desde já, portanto, dar os meus parabéns a todos os diretores da Confederação Nacional da Indústria que estão deixando os seus cargos no dia de hoje. E desejar boa sorte e uma grande gestão a todos os novos diretores da entidade.

Que a intensa e produtiva relação entre o governo federal e a CNI – representados até agora pelos pernambucanos Armando Monteiro Neto e Luiz Inácio Lula da Silva – seja ainda mais virtuosa quando dois mineiros – Dilma Rousseff e Robson Braga – estiverem no comando durante os próximos anos.

Meus amigos e minhas amigas,

Desenvolvimento, dizia o saudoso amigo e economista, Celso Furtado, é assumir o comando do próprio destino. E ele adicionava a isso: ninguém comanda o próprio destino em ambiente de vulnerabilidade externa e desigualdade social gritante. A sociedade brasileira desatou esse nó de dupla volta. E o país, de fato, mudou.

Vou falar, mais uma vez, sobre essas mudanças, mas tenho certeza de que não exagero. Fizemos muito, mas há muito mais a fazer. O Brasil pode e deve fazer mais. Temos pela frente desafios históricos, que apenas começam a ser vencidos.

Vivemos num país que sabe o que quer. Um país que aprendeu a fazer o que precisa. Um país que adquiriu a consciência soberana dos seus direitos e de suas possibilidades e que conduz o crescimento com justiça social.

Cada cidadão, cada cidadã deste país tem motivos agora para se enxergar como parte indissociável de um destino comum, construído de tal forma que possamos fazer do século XXI o século da igualdade social brasileira.

Uma Nação assim constituída - tenham certeza - não renunciará jamais às suas prerrogativas democráticas, geopolíticas, econômicas e sociais. Assim como não titubeou ao enfrentar a crise mundial que eclodiu em 2008. Durante os meses agudos da crise, superamos obstáculos econômicos e financeiros



nos quais tantos tropeçaram.

Ao contrário da depressão registrada em turbulências até mais amenas do passado, o que se viu desta vez foi a notável pujança da nossa economia. E um mercado interno ampliado, vigoroso, beneficiado pela retomada do emprego, da recuperação dos salários e de um amplo e eficiente conjunto de políticas sociais.

Hoje, o consumo popular engloba 46% da renda nacional e um contingente de consumidores equivalente às populações da França e Espanha juntas. Mas, como dizem os economistas, o indicador de consistência dessa expansão é dado pela formação bruta de capital, ou seja, pelos investimentos em máquinas e edificações, que cresceu quase 27% nesse período.

A produção, portanto, cresce fortemente para acomodar uma demanda expressiva, sem pressões inflacionárias, na perspectiva de um longo ciclo de desenvolvimento.

Minhas senhoras e meus senhores,

A indústria brasileira vive um ciclo virtuoso de investimentos com ganhos de produtividade crescentes. Ao contrário do que ocorria no passado, quando a produtividade crescia na esteira de demissões massivas, a roda do crescimento gira hoje impulsionada por ganhos simultâneos de eficiência produtiva, expansão do emprego e saltos na oferta de crédito e nas vendas do varejo.

Graças aos acréscimos de produtividade, os salários exibem ganhos reais persistentes. Somente neste ano, até setembro, foram criadas 2 milhões e 200... mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Gargalos sobre os quais o Estado brasileiro não se debruçava há quase três décadas estão sendo superados em nossa infraestrutura. Estamos construindo, simultaneamente, as 3 maiores hidrelétricas no mundo, 5 refinarias de petróleo, duas mega-ferrovias e centenas de milhares de novas moradias com o Programa Minha Casa, Minha Vida.



Construímos, uma ampla articulação com os diferentes setores da sociedade, a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, em 2004. Em 2008, foi a vez da Política de Desenvolvimento Produtivo. O crédito produtivo teve uma expansão sem precedentes. Entre janeiro de 2003 e junho passado, o BNDES desembolsou mais de R\$ 600 bilhões, gerando investimentos totais superiores a R\$ 1 trilhão no mesmo período. Os investimentos estrangeiros diretos saltaram de US\$ 16 bilhões e 600 milhões, em 2002, para o recorde histórico de US\$ 45 bilhões em 2008.

E, mesmo após a queda nestas cifras em decorrência da crise mundial, esperamos esse ano ter investimentos estrangeiros da ordem de US\$ 30 bilhões, quase o dobro do que aconteceu em 2003 e 28% a mais do que no ano passado.

Alguns números de nossa indústria ilustram o momento que vivemos. Fabricaremos, esse ano, nada menos do que 3 milhões e 400 mil veículos automotores, nos consolidando como o quarto maior mercado mundial em vendas e o sexto em produção.

Em relação ao setor de informática, nossa produção cresceu 30% em 2010. O chamado “mercado cinza”, de equipamentos sem marca, caiu de 70% em 2003, para 35% hoje. E as vendas de computadores devem superar os 14 milhões de unidades somente este ano.

O Natal brasileiro promete ser um dos melhores da nossa história. Não há truque. A recuperação pós-crise encontrou um ambiente de mercado dos mais propícios no país. Temos um dos menores déficits fiscais do planeta. Reduzimos a dívida líquida do setor público. Nossas reservas internacionais superam US\$ 285 bilhões.

Concluimos há pouco a mais extraordinária e mais importante capitalização da história do capitalismo mundial. A Petrobras está pronta para coordenar a exploração das maiores jazidas de petróleo descobertas nos últimos 30 anos. Parabéns, companheiro José Sérgio Gabrielli!



O regime de partilha do pré-sal garante que a gigantesca demanda associada à exploração de nossas riquezas seja direcionada para o Brasil. Trata-se da maior alavanca de expansão industrial e tecnológica já registrada na nossa história, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Estamos criando todas as condições para capacitar nossa juventude e aproveitar integralmente essa oportunidade histórica, com investimentos cada vez maiores em educação e formação profissional. É importante lembrar, meus queridos companheiros, empresários e empresárias, que quem viver a partir de 2011 vai viver um novo país. Este novo país terá 14 novas universidades federais, este novo país terá 126 extensões universitárias e este novo país terá 140... 214 novas escolas técnicas profissionais funcionando e formando a nossa gente. Ou seja, meu caro Flores, nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia, todas as escolas técnicas feitas em um século. E eu e o José Alencar, que somos a única dupla que presidiu o Brasil sem diploma universitário, passaremos para a história como os dois que mais fizeram universidades na história deste país.

Nosso país respira empregos, aliás, é importante lembrar que a partir da semana passada não há porque qualquer jovem do Brasil não fazer universidade. Porque nós tínhamos um problema crônico, o Walfrido dos Mares Guia deve estar aí, ele é dono de uma escola, ele vai me ouvir e vai entender o que eu estou dizendo.

Nós tínhamos um problema sério que era o Fies, o financiamento de bolsas de estudos para jovens pobres. Eles não conseguiam porque não tinha uma coisa chamada fiador. Você sabe que fiador, Armando,... eu vi você aqui e o Robson se tratando... porque nossas esposas são companheiras porque nós somos amigos. Mas se um de vocês precisar que o outro seja avalista, ele vai dizer: “amanhã eu dou a resposta”. Aí vai conversar com a mulher, a mulher fala: “não, não vai dar”. Porque ser avalista é assumir os encargos de pagar a dívida se você não pagar. Isso na fábrica a gente cansava de ver. A gente



queria alugar uma casa e a gente dizia: não dá para você, companheiro, ser meu avalista? Você tem casa própria? O cara: “o Lula eu gosto muito de você, mas, deixa eu conversar com a minha esposa”. Aí no dia seguinte ele falou: “a minha esposa não quis”. E eu tinha que procurar outro... Então, nós resolvemos este problema, agora é o seguinte: o governo criou o Fundo Garantidor. É o Estado brasileiro que garante o financiamento do jovem que quiser estudar neste país. Ele vai gastar R\$ 50,00 a cada trimestre, ele só vai começar a pagar doze meses depois de formado, com juros bem baratinho, do jeito que você reclamou, Robson, bem baratinho. Se ele for médico e for trabalhar no SUS, ele não tem que pagar mais. E se ele for dar aula ele também não tem que pagar mais. Portanto, vocês poderão, orgulhosamente, dizer que no Brasil agora não estuda quem não quer. Quem quiser estudar está garantido o direito de estudar.

Bem, o nosso país respira empregos, promove investimentos, amplia e consolida avanços de cidadania. É por isso, que o Armando Monteiro, feliz, eleito senador da República, lê nos jornais e fica todo sorridente. Quando ele percebe que foi exatamente as classes D e E, que, no auge da crise, sustentaram o consumo neste país, quando as classes A e B ficaram receosas e resolveram colocar o pé no freio do consumo. Foram os pobres que passaram a ter acesso a empregos, afinal de contas são 15 milhões de novos empregos criados neste país. São os pobres que recebem os mais diferentes programas de investimentos do microcrédito brasileiro. É importante, Armando, a gente não esquecer nunca, que quando você foi à minha posse, este país inteiro tinha apenas R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso, só o Banco do Brasil tem isso. Aí, Robson, este país era um país capitalista que não tinha capital e era um país capitalista que não tinha crédito. E foi exatamente eu, que passei a vida inteira me dizendo socialista, que vim fortalecer o seu capitalismo aqui para poder consolidar crédito para as pessoas poderem...



Bem, hoje eu tive uma aula de microcrédito neste país. Eu participei de dois eventos hoje. Companheiro Armando, seria extremamente importante, Robson, que você um dia sentasse com o Banco do Brasil e com o Banco Central para você ter noção da quantidade de dinheiro que foi disponibilizado neste país nesses últimos sete anos, para o microcrédito. Esse milagre... porque, você sabe, Robson, que eu não apareço bem nas pesquisas porque a imprensa fala bem de mim. Ela gosta de mim, mas nem tanto. E quando faz uma pesquisa, que aparece o governo com aprovação de 80%, não é o Lula, é o governo. É porque tem uma coisa: não adianta você falar mal de uma pessoa quando a pessoa está recebendo na casa dela o benefício, não adianta. Não adianta falar que uma empresa está quebrando, quando você vê o balanço da empresa. Eu vi aqui, ô Robson, a tua pauta de reivindicação. Igualzinha à do Armando Monteiro quando ele tomou posse, igualzinha. Vocês parecem o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo falando com o seu público aqui.

A verdade, companheiros e companheiras, a verdade nua e crua, companheiros empresários, é que este país há oito anos não tinha mais indústria naval. Este país de 50 mil empregos criados na década de 70, este país tinha reles 1.900 empregados na indústria naval. Este país estava comprando qualquer tipo de barquinho na Noruega, em Cingapura e na Coreia. Este país, hoje, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Alagoas e São Paulo não fazem outra coisa... Rio Grande do Sul... não faz outra coisa a não ser brigar por um estaleiro. Porque são mais de 400 navios que vão ser encomendados pela Petrobras; porque são mais de 40 sondas, cada uma de mais de R\$ 1 bilhão; porque são cargueiros porque o Brasil precisa diminuir o seu déficit na conta de frete e, portanto, precisamos ter navios nossos. E a indústria naval já recuperou seus 50 mil postos de trabalho que tinha perdido.

Nós estamos produzindo hoje 75% de componentes nacionais nas nossas sondas e nas nossas plataformas. E ainda tive o privilégio, Armando,



de terminar o meu mandato indo a Tupi, pegar um punhado de petróleo, encher a mão de petróleo, que estava guardadinho a 165 milhões de anos, a 5 mil metros de profundidade. E foi a nossa querida Petrobras que desenvolveu tecnologia e conseguiu dar a este país a certeza de que o século XXI nós não iremos jogar fora como jogamos o século XIX ou como jogamos parte do século XX. É por isso que nós aprovamos a lei da partilha e queremos a partilha que é para o estado brasileiro ressarcir o povo brasileiro dos descasos a que ele foi submetido durante quase um século ou durante muitas outras décadas do século XIX.

Pois bem, é por isso que 36 milhões de pessoas foram para a classe média, que viraram consumidores. É por isso que 28 milhões de pessoas deixaram de viver abaixo da linha da pobreza. Quando a gente fala, Armando, de desenvolvimento... eu viajo com o Guido, com o Meirelles, viajava muito com a Dilma, ia para a Alemanha, para o Japão, para os Estados Unidos e eles só falam os grandes números da macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia e nunca falam da microeconomia, da microeconomia, que é aquilo que diz diretamente... a microeconomia é aquela papinha que a mãe, delicadamente, bota na boca da criança, joga metade para fora, a mãe recolhe e bota outra vez até ele comer. Essa é a microeconomia. A macroeconomia é que deixa gordão assim como eu estou e você também, Armando. Essa é a macro. A micro é que a gente fomenta as pessoas.

Pois bem. Robson, somente o programa Luz Para Todos, neste país, somente o programa Luz Para Todos... nós começamos o programa Luz Para Todos com os números do IBGE: 2 milhões de residências não tinham energia elétrica neste país. Nós resolvemos o compromisso de atender. Quando fomos a campo descobrimos que os 2 milhões viraram 3 milhões, Armando. Tinha um milhão a mais que não estava nos dados do IBGE. E agora, indo fazer esse outro milhão que estava a mais, descobrimos mais 500 mil que não estavam no



IBGE. Então, de 2 milhões, já são quase 4 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica.

Nós vamos entregar o mandato cumprindo 95% da meta anterior. Vocês sabem quanto? Um milhão e duzentos mil quilômetros de cabo. Daria para enrolar o planeta Terra 30 vezes; 6 milhões de postes e quase 1 milhão de transformadores. Tudo gerando emprego no local. Você é de Pernambuco, você sabe. Você é de Pernambuco você sabe o que aconteceu em Pernambuco. Aliás, Pernambuco faz parte dos estados que atingiram já a totalidade, mas cada vez a gente descobre mais porque o Armando, pedindo voto, vai incentivando o povo a invadir terra que não tem luz e a gente tem que correr atrás.

De qualquer forma, a gente não tem noção, Armando, do que aconteceu neste país com o Pronaf. O Pronaf era uma política de investimento para o Sul do país. Agora é que chegou ao Norte e ao Nordeste do país. Faz quanto tempo que os empresários nordestinos não ouvem falar de uma coisa chamada frente de trabalho, que a gente ouvia todo ano. Ah, fez cerca? Bota aqueles coitadinhos para tirar pedra de um lado e colocar do outro; choveu? Para; Aí, fez cerca? No ano que vem bota para pegar aquelas pedrinhas e bota em outro canto. Acabou. Eu convido vocês, empresários nordestinos, a visitar o canal do São Francisco. Uma obra que D. Pedro queria fazer desde 1847. Eu convido vocês a visitarem o que está acontecendo na Transnordestina, quase 1.800 quilômetros de ferrovia. E você sabe a dificuldade que é para fazer, a engenharia. Foram cinco anos construindo o projeto e arrumando dinheiro.

Então, meus companheiros, o Brasil no próximo ano será um país muito mais maduro, muito mais consciente, eu espero que o Congresso Nacional, Temer, que não vai termar mais você na Presidência, mais vai ter você na Vice-Presidência, tenha mais maturidade para fazer a reforma tributária. Porque é o segundo projeto que a gente manda para lá e chega lá, não acontece nada. É como se tivesse um inimigo oculto, porque todo mundo é



favorável antes de entrar e quando entra desaparece a vontade. Acho que foi por isso que o Jânio renunciou. É o tal do inimigo oculto que não deixa fazer a reforma tributária.

Pode-se construir... Você sabe, meu caro Robson, que nós criamos comissão tripartite para cuidar da questão trabalhista, para cuidar da questão da Previdência, agora vocês precisam se entender na mesa de negociação. Eu não quero nem ajudar os trabalhadores prejudicando os empresários, nem prejudicar os empresários ajudando os trabalhadores. É preciso construir um denominador comum, que vocês sabem que é a única forma de a gente fazer as coisas bem feitas e consolidar o processo democrático deste país.

Por último, companheiros e companheiras, eu tenho conversado muito com o ministro Guido Mantega, tenho conversado muito com a nossa companheira Dilma e nós estamos trabalhando preocupados com o que está acontecendo com os Estados Unidos e com a China. O fato de duas economias do tamanho da China e da americana tentarem fazer a sua competitividade desvalorizando suas moedas não é correto e não é justo para o comércio internacional. Ou seja, não é correto para o comércio internacional. Vocês são testemunhas de que na crise, quando em muitos países as pessoas tentaram criar muros de proteção, aqui no Brasil nós não criamos muro de proteção. Se o comércio é livre, ele é livre para valer, o Brasil quer competir, o que o Brasil não quer é que continuem dizendo que o comércio é livre quando é para eles venderem aqui dentro, mas quando é para comprar o nosso, não é tão livre. Eu disse ao Obama na última reunião: Obama, é importante você saber que o maior superávit dos Estados Unidos no mundo, hoje, é com o Brasil. No mundo. É com o Brasil. Então, é importante que a gente cuide dessa questão cambial, porque em uma economia globalizada como essa, com um país que tem o poder de produzir a moeda que antes era calçada no ouro, que depois o Nixon tirou e eles têm a capacidade de produzir quanto quiserem,



desvalorizar, ou seja, nenhum país consegue competir. E eu acho que eles entenderam o recado.

Eu acho que o G-20 deve tomar decisões, os ministros da área econômica vão se encontrar, porque eu quero dizer a você meu caro Armando, meu caro Robson, que eu, embora não esteja mais na Presidência a partir do dia 1º de janeiro, eu estarei mais brasileiro do que nunca. Estarei viajando este país, porque eu estou convencido de que o Brasil dentro dos próximos dez anos será a décima-sexta, ou a sexta ou a quinta economia mundial. E acho, Robson, acho que se eu pudesse dar um conselho para você, eu já dei para o Tigre, a CNI tem mandado muita gente viajar conosco, o Tigre tem sido parceiro nas viagens, a Fiesp tem tido grandes encontros em São Paulo, o que eu acho é que quando a Presidenta Dilma montar o novo governo, eu acho que vocês deveriam procurar a Ministra, a Presidenta numa reunião, o ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio, que eu não sei quem é e estabelecer um calendário, um calendário e viajar o mundo, vendendo as coisas boas que nós somos capazes de produzir. Não existe, Armando, outra hipótese, não existe outra hipótese de a gente ganhar competitividade, se a gente ficar aqui esperando. Nós vamos ter este ano um superávit por volta de US\$ 16 bilhões, que é um bom superávit, é um bom superávit, mas como eu sei que na vida a gente não se contenta com pouco, não é Armando, o que é importante, na nossa relação, é que quanto mais a gente conquista, mais a gente quer, quanto mais a gente conquista, mais a gente quer, só a Seleção Brasileira é que marca um gol e para. Mas, na vida real, todo mundo que conquista dez quer conquistar 20, quer conquistar 50.

Então, eu acho que é importante vocês construírem a pauta de reivindicação, mas, sobretudo, construir a pauta de negociação, estabelecer calendário como o Guido fez na crise econômica. Nós criamos um comitê de crise que se reunia quase a cada 15 dias para discutir saídas. Foram quase R\$ 100 bilhões de desoneração neste país. E vocês acompanharam e eu acho que



isso tem que continuar, Armando, isso tem que continuar porque eu acho que nós não temos o direito de jogar fora as nossas conquistas. Não temos o direito. Nós não temos o direito, o Brasil atingiu um padrão muito importante, agora, nós temos que andar daqui para frente. E eu tenho certeza de que a Presidenta Dilma tem a mesma vontade, igual ou mais do que eu, tenho a convicção de que o Temer tem a mesma vontade ou mais do que eu e pelo discurso do Robson, ele está com mais vontade do que você.

Então, juntou a fome com a vontade de comer. Trabalhem, que o Brasil merece!

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe!

(\$211 A)